

RECADO DE PARIS

Orson e o
vendedor de
canhões

PARIS, outubro (Via Pannair) — Orson Welles, esteve na Alemanha e escreve longos e interessantes artigos sobre o que viu e ouviu. Diz que os alemães raciocinam assim: "O mundo ocidental quer nos defender contra o bloco soviético, e os soviéticos querem nos defender contra o mundo ocidental. Isso é muito interessante, meine Herren, mas os senhores não estarão, afinal querendo que nós os defendemos?" Na volta, em um lago italiano, encontrou um vendedor de canhões, Fritz Mandel, residente na Argentina e portador de uma bela "pin-up" argentina. Fumava um havana e dava opiniões sobre a próxima guerra. Orson Welles emprestou-lhe fosforos quando o charuto se apagou. "Ele me agradeceu, e trocamos um sorriso. E por que não, afinal de contas? Temos pelo menos uma coisa em comum: já fomos casados com estrela de cinema".

A GUERRA FRIA

Criada pelo governo francês a "organização de defesa em superfície", para, em caso de conflito ou crise grave "assegurar as comunicações, manter a ordem, lutar contra os paraquedistas, impedir a sabotagem". O comando é de um general, os efetivos de reservas e voluntários. Resposta dos comunistas: criar por toda parte, em fábricas e quartelões, "comitês de defesa do povo".

NEGRAS PERSPECTIVAS PARA A ALEMANHA

O famoso pastor Niemeller, que durante o nazismo viveu em um campo de concentração, não vê tudo muito azul. Perspectivas para a Alemanha em caso de guerra: a) ser invadida pelos russos, fabricar canhões para eles e esperar as bombas atômicas americanas; b) ser invadida pelos americanos, fabricar canhões para eles e esperar as bombas atômicas russas".

O SAMBA EM PARIS

Manchette de "Canard Encheine": "ONU soit qui Malik pense". A peça "L'Otage" de Claudel vai ser feita no cinema, com Michel Simon e Marie Bell. Por falar em Michel Simon: o nosso (da embaixada francesa no Rio) fez aqui uma conferência sobre o samba, com tanto êxito que foi convidado a repeti-la dias depois. A conferência era ilustrada por alguns brasileiros e brasileiros que tocavam, cantavam e dançavam. A certa altura, dois rapazes, tendo de conceder um número extra, resolveram cantar aquela velha marchinha de Heitor dos Prazeres e Noel Rosa: "Pierrot Apaixonado". Sopraram o nome ao conferencista, para que ele anunciasse. E Michel: "Agora, o Perú Apaixonado..."

Rubem BRAGA

20.10.50